



UNIVERSIDADE INDÍGENA ALDEIA MARAKÁ'NÀ EM MOVIMENTO

Lucas Sargentelli Icó

Quando Jorge Vasconcellos contou de sua intenção de fazer um dossiê a partir da experiência da Universidade Indígena Pluriétnica e Intercultural Aldeia Maraká'nà,¹ como parte da comissão editorial da revista *Arte & Ensaios* e parte do grupo de apoio da Aldeia, me disponibilizei para fazer este dossiê acontecer.

A Universidade Indígena é um projeto de protagonismo indígena, de educação popular e libertária (e, portanto, de (re)definição de estratégias, atuação conjunta e fortalecimento da resistência dos povos indígenas e de comunidades tradicionais, camponeses, favelados e outros grupos de resistência), de princípios não mercadológicos, desenvolvida mediante a partilha de saberes, cujo fundamento é o modo de vida em uma aldeia indígena.

Ao falar da Universidade Indígena como projeto em andamento de educação diferenciada, podemos trazer as palavras de André Benites, cacique da Tekoá Ka'aguy Porã (retomada mbyá-guarani de Maquiné/RS): "Não dá para falar da educação como o não indígena entende. Porque a educação é vida, é saúde, a vida é educação". Ash Ashaninka, indígena parte da resistência da Aldeia Maraká'nà, nos conta que estamos falando por exemplo dos saberes "de uma fogueira, de um pilão, de um rapé, de uma pintura, de uma comida, e você está vivendo todos eles ao mesmo tempo".

Essas palavras ajudam a perceber que estão em jogo diferenças ontológicas e epistemológicas, e, portanto, estamos falando não apenas de diferentes maneiras de olhar um mesmo mundo (multiculturalismo), mas de outros mundos *de fato*, e inúmeras pesquisas científicas atestam isso (Viveiros de Castro, Carneiro da Cunha, Cesarino etc.). Evidente que essas diferenças também podem ser percebidas nas práticas chamadas artísticas. Por exemplo, os Marubo e outros tantos ameríndios, antes de conhecer melhor os não indígenas, entendiam (e ainda entendem) que "a noção de imagem, coincide com a de alma, duplo, ou princípio vital".² Vem junto disso todo outro complexo de relações, éticas, certezas...

Daniel Tutushamum, indígena da etnia puri, parte da resistência da Aldeia Maraká'nà e idealizador do Txemím Puri, grupo de pesquisa e revitalização da língua, resgate e preservação da história e cultura puri, ajuda a localizar uma das posições que existem na Aldeia acerca dos debates no campo da cultura e arte:

Cultura, pelo que eu pude estudar, significa tanto as manifestações artísticas, os produtos culturais que a gente toma contato, como também cultura pode significar um modo de vida. No caso da cultura indígena, significa as duas coisas. Então, tudo que eu estou trazendo aqui, colares, cocar, pintura corporal, tudo isso pode ser tomado como arte, ou pode ser tido como: expressão de um modo de vida. A arte na cultura indígena não está separada da vida. Então, nesse sentido, quando se fala

bem da arte indígena, mas não se permite ao indígena ter a terra que vai possibilitar a ele o modo de vida, então isso é hipocrisia. Na verdade, não se está defendendo arte indígena.

Como espaço de luta social pela (re)urbanização indígena, voltado para a interação interétnica e intercultural, acontecem no território da Aldeia práticas sagradas indígenas, como a roda de maracá e o círculo das mulheres, a aula de língua e cultura tupi-guarani, oficinas de bioconstrução, plantio, tear e artes gráficas, e mostras de cinema indígena e exposições, além da visita regular de alunos de escolas públicas, entre outras atividades. Com o intuito de visibilizar suas atividades e fortalecer sua rede de apoio e parceria, a Universidade Indígena também expande suas atividades para outros círculos e territórios, como é o caso das colaborações de longa data com vizinhos como a Uerj e o Cefet/RJ, e esse também é o caso do presente dossiê.

**

Minha participação na Universidade Indígena se dá em parte pelo rumo de minha pesquisa durante o mestrado na linha de Linguagens Visuais do PPGAV-EBA-UFRJ (a ser defendida em outubro de 2019), na qual abordo proposições e ações que estão entre a produção cultural autônoma, colaborações, e símbolos feitos por mim e o coletivo da Aldeia Maraká'nà, como parte da rede de solidariedade da Aldeia e da Universidade Indígena em movimento. Durante o mestrado me empenhei nessas ações a partir da aliança afetiva (fruto de um encontro transformador que segue me (re)vinculando) com pessoas da Aldeia. Os objetos propriamente ditos da pesquisa que venho realizando no contexto do mestrado do PPGAV (que não resumem de modo algum minha relação com a Aldeia) advêm, assim, das idas à Aldeia e

de ações que em sua maioria envolveram as artes gráficas e tomaram forma de camisetas, faixas, situações expositivas, um livreto... – muitas realizadas como produção cultural e artística na agenda de atividades da Aldeia.

Foi a partir da participação nessa coletividade diversa – que me desloca do lugar mais garantido da universidade pública e problematiza em mim a perspectiva de homem branco de classe média – que tive contato com as práticas artísticas de algumas pessoas. A Aldeia é composta por indígenas e pessoas que buscam sua própria indigenização, que se confundem/alternam entre ativistas/militantes, apoiadores, universitários e mais. Na Aldeia há também agroecologistas, advogados, biólogos, artistas, linguístas, arquitetos etc. A proposta inicial foi a de que principalmente voluntários que integram a Aldeia hoje iniciassem diálogos a partir de suas práticas e ocupassem esta revista. Ocupar para catalisar a sociabilidade (troca, relação, convivência) e modos de expressão próprios, como modo de fortalecer a luta da Aldeia, e como modo de (re)situar questões e desejos.

Este dossiê se soma à reivindicação dos direitos indígenas históricos e ancestrais pelo uso desse espaço, pois foram e são hoje os descendentes dos ameríndios e africanos e descendentes de africanos escravizados que principalmente fizeram/fazem instituições como as universidades no Brasil estarem de pé; e antes disso, antes mesmo da concepção do Direito e da Universalidade pelo Ocidente, os indígenas já mantinham uma relação sagrada com o território do qual foram expropriados.

Em processo de ocupação ou retomada como este, muito apostamos na possibilidade de catalisar processos de transformação radical da univer-

sidade (do estado), na busca de torná-la de fato mais plural, e entendo isso como via possível para implodir as bases colonialistas que sustentam a produção de conhecimento nas sociedades capitalistas contemporâneas. Identifico, entretanto, outras posições na Aldeia que não apostam na via de transformação do Estado ou da universidade pública. É recorrente nesses diferentes pontos de vista, além de críticas à economia neoliberal e seus sistemas de opressão, a crítica de que na esquerda universitária há a prevalência da coadunação com uma lógica meritocrática de manutenção de privilégios e hierarquias.

**

Neste dossiê Flavia Meireles e Thaiany Guajajara trazem um texto a quatro mãos “com o intuito de dar corpo a algumas questões das mulheres indígenas em contexto urbano”. Judith Payró Jordan entrevista Potyra Krikati e versa em imagens sobre relações entre espiritualidade, arte e resistência. Jabief F. Manjoro apresenta aqui seu trabalho escultórico com máscaras da mostra “As faces de Kauyré Imana (Kawiré Imàn)”. Lívia da Alma e Marlon Chapeleiro exibem suas pinturas e desenhos realizados dentro da Aldeia e em seus muros. Julia Muniz apresenta sua pesquisa de releitura de detalhes de cestos e peneiras de povos indígenas. George Magaraia traz algumas de suas imagens realizadas a partir do contato ao longo dos últimos oito anos com a Aldeia Maraká'nà, entre elas uma série de serigrafias de crianças. Regina de Paula introduz uma série de trabalhos seus com José Urutau Guajajara, em ensaio em que também traz depoimentos que ela e Wilton Montenegro gravaram na Aldeia.

NOTAS

1 A Aldeia Maraká'nà está localizada no Rio de Janeiro, ao lado do estádio do Maracanã. Até hoje não tem sua existência assegurada pelo estado (tendo sofrido, aliás, pesados ataques recentemente, por parte de parlamentares de posicionamento racista e fascista), e segue hoje numa longa contenda judicial em nível federal para garantir a permanência em seu território. Para conhecer mais sobre a Aldeia, a/o leitora/leitor pode visitar o *link* de um vídeo que realizei com Sol Archer, Potyra Krikati Guajajara, José Urutau Guajajara, Mery Txamã Puri, Monica Lima, Dário Xukuru e Ash Ashaninka, disponível em: <<https://youtu.be/TSWMCvDz9ms>>, acessado em: 1 jun. 2019.

Ou a petição online disponível em <<https://change.org/aldeiamarakana>>, acessado em: 1 jun. 2019. Também convido a seguir as pistas e informações dadas nos diversos materiais que constituem este dossiê. As atividades da Aldeia são compartilhadas em <<https://facebook.com/aldeia.rexiste/>>, acessado em: 1 jun. 2019.

2 Cunha, Manuela Carneiro da; Cesarino, Pedro de Niemeyer (Org.). *Políticas culturais e povos indígenas*. São Paulo: Unesp, 2016.

3 Daniel Tutushamum Puri /Ava'i Ava jegwá em discurso na Câmara de Vereadores RJ. Disponível em: <<https://youtu.be/eHgrt5aeAqg>>, acessado em: 10 maio 2019.